

**DOSSIÊ 2 - Epistemologias  
somáticas na pesquisa artística**

**POLISSEMIA SOMÁTICA SOBRE CORPO**

**SOMATIC POLYSEMY ON BODY**

Alice Nascimento da Cunha Magalhães<sup>1</sup>

Milanie Lage Matos<sup>2</sup>

Vivian Gabriele Schmitz<sup>3</sup>

**RESUMO:** Este artigo se desenvolve na confluência de três eixos temáticos dentro da pluriversalidade de compreensões sobre **corpo**, a partir de abordagens somáticas e princípios contracoloniais, compartilhados por três artistas pesquisadoras do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia. Cunha-se assim as expressões-tema: **corpo em chamas**, **corpo acervo** e **corpo (des)contínuo**, que são subtítulos ao corpo do texto e (multi)versam sobre prazer, memória e (in)finitude, dentre outras noções relacionadas ao consenso de que o futuro é ancestral. Nesse trílogo polissêmico acerca do corpo e do **soma**, a versão ocidental do uso da Somática é devidamente reconhecida, ao mesmo tempo, em que também pode ser percebida como um antídoto contra o colonialismo, o binarismo, o mecanicismo, o machismo, o racismo, o capitalismo e suas variantes de inúmeras violências. Através de uma escuta mais profunda do **soma** como um corpo vivo, defende-se que é possível ativar estados, percepções e estratégias de fuga, sobrevivência e cura, tanto individuais quanto coletivas, em conexão com cosmologias outras que não as eurocentradas.

**Palavras-chave:** Somática; contracolonialismo; corpo em chamas; corpo acervo; corpo (des)contínuo.

**ABSTRACT:** This article is built on the confluence of three thematic axes within the pluriversity of understandings about the body, based on somatic approaches and countercolonial principles, shared by three research artists from the Graduate Program in Performing Arts at the Federal University of Bahia. The theme expressions are thus coined: **body on fire**, **body heap** and **(dis)continuous body**, which are subtitles to the body of the text, and (multi)verse about pleasure, memory and (in)finitude, among other notions related to the consensus that the future is ancestral. In this polysemic trilogue about the body and the soma, the Western version of the use of Somatics is duly recognized, at the same time that it can also be perceived as an antidote against colonialism, binarism, mechanism, male chauvinism, racism, capitalism and its variants of countless forms of violence. Through a deeper listening to the soma as a living body, it is argued that it is possible to activate states, perceptions and strategies of escape, survival and healing, both individual and collective, in connection with cosmologies other than Eurocentric ones.

**Keywords:** Somatics; countercolonialism; body in flame; body heap; (dis)continuous body.

1. Mestra em Artes Cênicas  
Universidade Federal da Bahia  
E-mail: alicentaalice@gmail.com  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0576992916311326>  
ORCID: 0009-0004-7638-655X

2. Mestra em Dança  
Universidade Federal da Bahia  
E-mail: milanie@gmail.com  
Lattes: <https://lattes.cnpq.br/1448306431005762>  
ORCID: 0000-0002-9140-7468

3. Mestra em Artes Cênicas  
Universidade Federal da Bahia  
E-mail: vivianromaca@gmail.com  
Lattes: <https://lattes.cnpq.br/7778378015013531>  
ORCID: 0009-0000-4312-8475

## INTRODUÇÃO

Durante os encontros intensivos do componente curricular Tópicos Especiais em Artes Cênicas IV – Epistemologias Somáticas na Pesquisa Artística, ministrado pelo Professor Doutor Diego Pizarro (IFB) para os cursos de Mestrado e Doutorado do PPGAC-UFBA 2023.2, pudemos estabelecer uma atmosfera coletiva de *práxis* somáticas, com margem de transposições para cada corpo-pesquisa ao seu momento/entendimento. Temos em comum a circunscrição no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia, duas de nós no Mestrado e uma no Doutorado. A escolha de junção para a escrita deste trabalho foi regida pelas aproximações epistêmicas e por percepções físico-sensoriais disparadas durante as aulas presenciais do componente.

Somos três pessoas em percursos e momentos diferentes de vida-pesquisa. Em comum ainda, antes de tudo, somos mulheres, e então mulheres que nos tornamos artistas das Artes da Presença, do Corpo, da Cena e os nossos territórios-corpos fazem-nos como companheiras de uma mesma vizinhança de valores e entendimentos partilhados: o de que toda a experiência que **nos acontece** (Bondía, 2015), acontece no corpo, com o corpo, através do corpo... e também da importância de suscitar práticas/pensamentos contracoloniais (Bispo dos Santos, 2023).

Posicionamo-nos contra a hegemonia das epistemologias eurocentradas, e a favor de cosmologias outras. Nesse ponto, pode-se notar um impasse, pois o campo da Somática surge e se desenvolve majoritariamente em contexto euroamericano, no território conceitual do que está sendo chamado de Norte Global, em contraposição à ideia de Sul Global. No entanto, o pesquisador José Juliano Gadelha em seu artigo *O Sensível Negro* (2019), nos dá uma pista de como e onde a Somática pode cruzar com práticas contracoloniais:

[...] a primeira terra devastada é o corpo. O corpo consiste na dimensão de mediação (no sentido de infecção das assimetrias e não de consenso, tampouco de hibridismo) entre todos os eixos de poder. Por isso, alerta que, ao falar em mundos do sul, faço-o em referência a mundos subalternizados, e não necessariamente a mundos geograficamente localizados no hemisfério Sul do planeta. O sul por mim invocado está no sentido contrário de Hegemonia. [...] Supremacismo e subalternização, centro e margem, privilégios e precariedades podem coabitar os mesmos espaços e tempos, sendo o corpo a dimensão da mediação. Tudo está infectado, não meramente conectado. Por isso, todo contraplano de se pôr à parte da Norma é um exercício de cura. (Gadelha, 2019, p.11)

“Exercício de cura” parece uma boa expressão para referirmo-nos à vivência metodológica corporalizada deste componente

que cursamos juntas, onde experienciamos a Somática como Pesquisa em atividades de percepção, criação, integração e autorregulação. Numa das *práxis* somáticas propostas, em duplas contornamos com giz pastel o corpo da colega deitada sobre um papel metro pardo. Ao longo da imersão, éramos instigadas com perguntas e outras motivações movedoras, o que resultou na confecção de mapas somáticos do corpo-pesquisa de cada estudante. Tais mapas nos trouxeram (e seguem trazendo) pistas preciosas dos caminhos que queremos percorrer, inclusive neste artigo, e a eles voltaremos mais adiante. Mas de antemão fica nítido o quanto esses materiais expandem, ao mesmo tempo que também dão concretude aos diversos corpos que podemos acessar com as abordagens somáticas.

Assim, aventuramo-nos na pluriversalidade das compreensões acerca de **corpo** com o intuito de encontrar confluências entre nossas motivações e curiosidades pessoais. Organizamos este artigo a partir de três temáticas relacionadas à noção de corpo, inerentes às nossas pesquisas individuais: Vivian traz um **corpo em chamas**, dialogando com noções trazidas por Silvia Federici (2017), Geni Núñez (2021), Ramón Grosfoguel (2016) e Susan Aposhyan (2001); Alice traz um **corpo acervo**, conjuntura não linear e atemporal de nossas faltas e excessos ao longo do existir, em troca com pensamentos de Grebler e Pizarro (2019), Fagundes e Kersting (2021), Tiburi (2018) e Bispo dos Santos (2023); e Milanie traz um **corpo (des)contínuo**, que aborda a ideia de finitude, através do entrelaçamento entre as cosmologias Quilombola (Bispo dos Santos, 2023), Indígena (Krenak, 2022) e Somática (Fernandes, 2019; Pizarro, 2020).

A ideia de **contracolonialismo** nos chega pelas catalisadoras palavras de Antônio Bispo dos Santos, o Nêgo Bispo (1959-2023), autor quilombola piauiense que “[...] Desde cedo, foi incumbido de desenvolver a habilidade de traduzir para a escrita a sabedoria de seu povo e mediar as relações com o Estado, cuja violência se manifesta, também, pela invalidação da oralidade.” (Bispo dos Santos, 2023, p. 68). Em seu último livro, *A terra dá, a terra quer* (2023), ele nos conta sobre o que chamou de “guerra das denominações”, que o fez trazer assim a ideia/ação do que pode ser contracolonial:

[...] É o que chamamos de guerra das denominações: o jogo de contrariar as palavras coloniais como modo de enfraquecê-las. [...] Para enfraquecer o desenvolvimento sustentável, nós trouxemos a biointeração; para a coincidência, trouxemos a confluência; para o saber sintético, o saber orgânico; para o transporte, a transfluência; para o dinheiro (ou a troca), o compartilhamento; para a colonização, a contracolônização... e assim por diante. (Bispo dos Santos, 2023, p. 4)

Talvez seja importante elucidar um pouco melhor aqui do que se trata a **colonização**, à qual queremos nos contrapor. Os livros

de história costumam se referir eufemisticamente a processos de expansão territorial e colonização praticados sobretudo por países europeus ao longo do século XVI, mas o autor porto-riquenho Ramón Grosfoguel (2016) redimensiona assertivamente os termos, referindo-se a quatro genocídios/epistemicídios no período referido, a saber: o genocídio/epistemicídio contra pessoas muçulmanas e judias na conquista de Al-Andalus, contra povos nativos na conquista das Américas, contra povos africanos na conquista de África e sua escravização nas Américas e, finalmente, contra as mulheres europeias queimadas vivas acusadas de bruxaria (Grosfoguel, 2016, p. 25).

Para tratarmos de nossa realidade mais imediata, a deste país que foi nomeado/dominado (Dumas, 2022) como Brasil, e também para seguirmos um pouco mais com Nêgo Bispo na ideia de enfraquecer o colonialismo através do contracolonialismo – que diga-se não somente de passagem, há tempos é praticado por aqui por povos indígenas e quilombolas – ele ainda acrescenta:

Os indígenas viviam no Brasil em um sistema de cosmologia politeísta. Viviam integrados cosmologicamente, não viviam humanisticamente. Chegaram então os portugueses com as suas humanidades, e tentaram aplicá-las às cosmologias dos nossos povos. Não funcionou. Surgiu assim o contracolonialismo. O contracolonialismo é simples: é você querer me colonizar e eu não aceitar que você me colonize, é eu me defender. O contracolonialismo é um modo de vida diferente do colonialismo. O contracolonialismo praticado pelos africanos vem desde a África. É um modo de vida que ninguém tinha nomeado. Podemos falar do modo de vida indígena, do modo de vida quilombola, do modo de vida banto, do modo de vida iorubá. Seria simples dizer assim. Mas se dissermos assim, não enfraqueceremos o colonialismo. Trouxemos a palavra contracolonialismo para enfraquecer o colonialismo (Bispo dos Santos, 2023, p. 36).

Juntamo-nos a Nêgo Bispo nas estratégias para enfraquecer o colonialismo, e quem sabe de quebra também possamos enfraquecer um pouco os machismos, os racismos, os capacitismos e outros **ismos** que já tardam em serem suplantados.

### Corpo em chamas, por Vivian Schmitz

Embrenhando-nos, pois, agora, em questões de gênero e feminismos a partir do eixo temático **corpo em chamas**, compartilho reflexões da pesquisadora e ativista guarani Geni Núñez, que menciona e explicita as religiões cristãs como fonte de violência e opressão, e afirma que “toda hegemonia só se constrói através da violência, do apagamento, do epistemicídio” (Lessa; Núñez, 2021, p. 53). A autora questiona:

Em qual religião pessoas dissidentes do gênero merecem ser queimadas no inferno? Em qual se postula a submissão das mulheres? Respondo com segurança: na mitologia cristã. [...] Por vezes, dizem que o responsável por essas ideologias opressivas é o fundamentalismo religioso, mas acho desonesto não explicitarmos que não é qualquer religião, é a cristã. O projeto de impor seu deus como único verdadeiro, como único caminho a todes, como única forma para todo o planeta não é um traço nosso (Lessa; Núñez, 2021, p. 48).

Assim, relacionamos a colaboração de Núñez ao que também é exposto por Ramón Grosfoguel em seu artigo, *A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI* (2016). O último genocídio/epistemicídio abordado pelo autor neste escrito é o genocídio/epistemicídio cometido contra as mulheres que transmitiam, de geração para geração, o conhecimento indo-europeu nos territórios europeus. Fato histórico que foi instituído como A Santa Inquisição ou Caça às Bruxas, promovida pela Igreja Cristã Católica. Ramón convoca, por sua vez, a filósofa Silvia Federici a partir da obra *Calibã e a Bruxa*, e nos conta:

A tese da autora é de que [...] a escravização de africanos nas Américas e a caça de mulheres na Europa (*são*) como dois lados da mesma moeda: a acumulação de capital, em escala global, com a necessidade de incorporar trabalho no processo de acumulação capitalista. Para atingir este objetivo, as instituições usaram métodos extremamente violentos. Ao contrário do que ocorreu com o epistemicídio contra as populações indígenas e muçulmanas, quando milhares de livros foram queimados, no caso do genocídio contra as mulheres indo-europeias não houve livros queimados, pois, a transmissão de conhecimento acontecia, de geração para geração, por meio da tradição oral. Os “**livros**” eram os **corpos das mulheres e, de modo análogo ao que aconteceu com os códices indígenas e com os livros dos muçulmanos, elas foram queimadas vivas** (Grosfoguel, 2016, p. 42, grifo nosso).

Entendendo os corpos de mulheres como lugar de conhecimento vivo e pulsante, que historicamente sofreu variados tipos de epistemicídio, inclusive o genocídio literal nas fogueiras da Inquisição, trazemos esta noção de **corpo em chamas**. Em meu Mestrado, pesquisei mulheres em cena e dramaturgia autoficcional pelo viés do prazer, a partir de sons corporais como gargalhadas, gemidos, gritos etc. Busco acionar esses dispositivos como possíveis catalisadores de prazer em corpos que pouco ou nunca tiveram acesso (ou mesmo direito) a senti-lo.

Em nossas aulas presenciais no componente com o professor Pizarro, e mesmo em outras aulas com abordagem somática que

já tive contato ao longo da vida pessoal e profissional, sinto as práticas somáticas muito alinhadas com essa busca que venho empreendendo em minha pesquisa. A partir de uma percepção e escuta mais profunda do **soma** como um corpo vivo, é possível ativar estados, movimentos e sons corporais capazes de atuar como catalisadores de prazer para todos os corpos, mas talvez de modo ainda mais potente para aqueles corpos pouco acostumados a experimentá-lo.

Mas será que estamos dispostas? Junto-me a Susan Aposhyan (2001), quando ela questiona:

Estamos dispostos, como seres humanos, a nos aprofundar nos mistérios, na força e nas potencialidades do nosso corpo? [...] Podemos sentir em nosso corpo a inseparabilidade entre sexualidade e espiritualidade? Podemos experimentar a continuidade da sensação conectando as necessidades individuais e as necessidades grupais? Reconhecemos a comunidade interior de nosso corpo, para entrar em comunhão com outros? (Aposhyan, 2001, p. XII).

Além disso, bem como Núñez, Grosfoguel e Federici, Aposhyan também reconhece estruturas históricas, sociais e sobretudo religiosas que dificultam muitíssimo essa disposição ao (desafiador) processo de integração corporeamente, especialmente para corpos de mulheres, corpos que ardem e sangram.

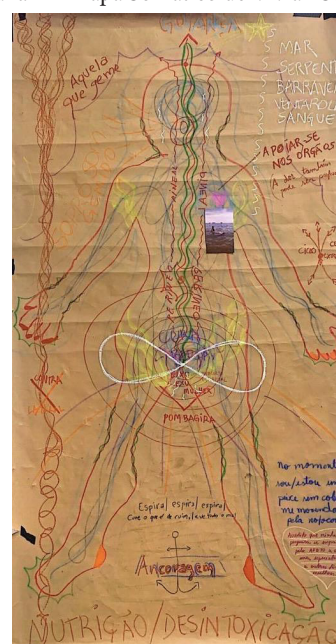
O Antigo Testamento, por exemplo, ensina que o corpo, veículo do pecado, deve ser purificado e transcender. O corpo das mulheres, que verte sangue todo mês e representa uma tentação sexual para os homens, é tido como particularmente pecaminoso. Assim, a Terra, o corpo e as mulheres, todos se movem para um lugar de difamação. Na fixação nos céus, na vida após a morte e num salvador externo, há um movimento em direção oposta a “colocar a mente em harmonia com o corpo” (Aposhyan, 2001, p. 6).

Diante de um desafio de dimensões assim tão estruturais para corpos que, quando não queimados de fato, foram amplamente sufocados e reprimidos em suas potencialidades, resta-nos insistir na percepção do corpo-vivo, no **corpo em chamas**, que arde em possibilidades, que insurge **contra a colonização** da qual foi objeto primeiro, capaz de engendrar rotas de fuga e de sobrevivência. Nesse sentido, chamamos novamente a colaboração de Juliano Gadelha que, ao final de seu artigo, propõe uma *objetividade sensível*, ou **objetividade corporificada**, noções que me parecem dialogar bem com a ideia de **corporalização** das práticas somáticas:

[...] uma espécie de sabedoria invisível, manifesta pelos saberes do corpo que atravessam os corpos marcados e os não marcados, situando-se num campo de forças localizáveis somente pelo sensorio. Trato de uma objetividade não racional. Proponho uma objetividade sensível, cuja racionalidade só se torna possível advinda de outras esferas de pensamento-ação com os mundos. Essa objetividade é invisível, porque não se permite ver nem pelas visões daquele que não se vê como singular – o mundo hegemônico universal –, tampouco pelo olho daquele cosmo que já não consegue exercer a capacidade de fuga. [...] Aposto em um saber que se efetiva na dimensão do corpo para com outros mundos que já não podem ser vistos em relação aos mundos anteriores, ainda que coabitem com eles certos espaços e tempos. A objetividade corporificada, tal como proponho, é a performance de efetivação de alguma fuga, a manutenção de uma reserva à parte do mapa, fazendo do corpo uma guerrilha (Gadelha, 2019, p. 20).

Objetividade corporificada e mapas com rotas de fuga são ideias que me remetem amplamente ao mapa do meu corpo-pesquisa que desenvolvi nas aulas. De dentro para fora e de fora para dentro, fluindo entre centros e extremidades, flechas, chamadas e espirais, objectivei minha corporalização e tracei possíveis rotas de fuga, sobretudo através das sensações de prazer e das conexões espirituais, como tento dar a ver no registro abaixo:

**Figura 1 – Mapa Somático de Vivian Schmitz**

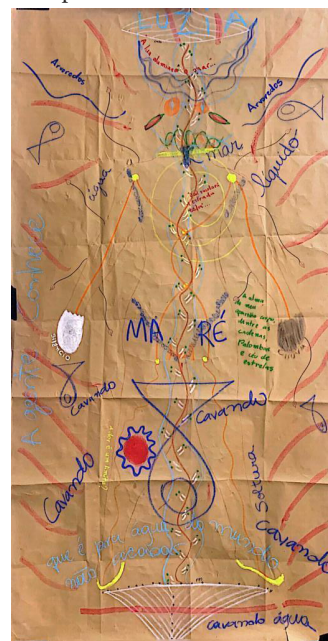


**Fonte:** Acervo pessoal.



**Corpo acervo, por Alice N. C. Magalhães**

**Figura 2 – Mapa Somático de Alice N. C. Magalhães**



**Fonte:** Acervo pessoal.

Por conseguinte, inauguro a ideia de **corpo acervo**. Em uma rápida busca sobre o termo **acervo** em plataforma *on-line*, encontro as palavras: reunião de patrimônio; valioso; cultural; herança – Definições que se conectam com a imagem que vislumbro quando penso em acervo: um lugar quase todo preenchido. Carregado de elementos, não necessariamente organizado, ainda que a definição de organização seja múltipla. E, a parte principal desta imagem: um lugar com tanta informação, a ponto de não ser possível encontrar algumas delas, mesmo quando se procura. Ou ainda, com tanto conteúdo, a ponto de nem mesmo procurar, por não ocorrer que eles existam. O corpo acervo vem a ser o acúmulo de todas as experiências, artísticas ou não. É a ação do consciente e do inconsciente; o seguimento e o resultado contínuo de técnicas, repertório, histórias e experiências; conjuntura não linear e atemporal de nossas faltas e excessos ao longo do existir; integrativo, confluyente, somático e memorial; ferramenta emancipatória e prenhe de tecnologias de autonomia. Colo aqui uma possível tradução da imagem de corpo acervo em escrita poética:

Sou a cúspide dos acontecimentos  
A curva do vento no avarandado da saia da menina  
O silêncio depois do começo  
A morte da morte no findo olhar  
A gagueira da memória ao se levantar do sono  
...  
Ressalvo-me e dirijo-te:

*Nos que dizem passagem,  
feitura e projétil,  
contra cactos de contratempo:  
soluços, cirandas e paragem  
Até o ontem que tão logo ali  
me espera sentado à beira da estrada  
costurando uma esteira de palha e  
desfiando cana no fio da navalha*

Sobre tecnologias do corpo acervo, trago uma passagem de Nêgo Bispo, quando conta da estratégia de autorregulação a qual recorria em situações de distanciamentos dos seus costumes:

No caminho da roça, os pássaros continuavam com as suas cantigas, comemorando a fartura que haviam encontrado ao colher os frutos das árvores. Eles também nos contavam sobre outras vidas que passavam por perto naquele momento, fosse por uma questão de segurança e proteção ou apenas enunciando que o ambiente estava sendo ampliado com mais presenças. Essas são as memórias recorrentes, para as quais eu volto sempre que encontro um obstáculo na minha caminhada. É onde me reanimar e é de onde sou novamente remetido, agora com força maior, que ultrapassa os obstáculos e dá continuidade ao percurso. (Bispo dos Santos, 2023, p. 10-11).

Convido, ainda, à ideia de que o corpo é um acervo de afetos (no sentido de que somos transpassados pelo que nos ocorre), levando-nos a uma perspectiva da Somática como Pesquisa,

Compreendendo a Cultura como uma faceta da experiência somática, ela estabelece a ligação entre a identidade e o lugar que se habita, para iluminar o modo como a mudança de contexto político, social e geográfico afeta a identidade do sujeito, pois ela é forjada na relação entre o sujeito, as pessoas, as coisas e o lugar em que ele habita (Grebler; Pizarro, 2019, p. 14).

É ao pensamento pós-positivista da Somática que emparelho a ideia de que somos sujeito e objeto de nossas pesquisas, divergente de frentes hegemônicas. E como mulher artista e pesquisadora, em um contexto em que marcadores sociais e divisores discriminatórios determinam explicitamente quem tem e quem não tem sobrevivência franqueada em um sistema patriarcal neoliberal, penso que a investigação do **corpo acervo** aborda um complexo temático relevante para um grupo diverso que sofre silenciamentos. “Assumir a subjetividade

revela a intenção, política e artística, de propor contrapontos à lógica do universal, objetivo e impessoal, que afirma um sistema ‘que reflete os interesses políticos específicos de uma sociedade branca colonial e patriarcal’, como analisa a intelectual e artista Grada Kilomba (2016)<sup>1</sup> por Fagundes e Kersting (2021, p. 170). É nesta conjuntura que o corpo acervo se torna uma investigação ética. Tanto no resgate de tecnologias de sobrevivência de grupos inferiorizados, quanto para criação de novas ferramentas de desmanche do sistema vigente.

Nosso feminismo não nasce em nós, foi herdado e transformado devido a um sistema de injustiças ao qual opomos a luta. Esse sistema se alicerça como razão patriarcal, e a utopia, a ideia de que um outromundo – e melhor – é possível, atrapalha a sua lógica. A utopia feminista fala de um outro mundo possível, em que ser mulher não significa ser o destinatário de todo tipo de violência. Não devemos negligenciar que, no patriarcado, o destino das mulheres é a violência (Tiburi, 2018, p.32).

Distante de uma ideia utópica, mas acerca das epistemologias que tardiamente estão sendo validadas e implementadas como saberes nos meios acadêmicos, é que arremato este pensamento sobre **corpo acervo**, amparada na ideia de começo, meio e começo, de Nêgo Bispo, acreditando que estamos mais próximos de possíveis mudanças de paradigmas.

Até hoje tivemos um processo de colonialismo potente e bem articulado, que usou a política com todas as suas nuances. Agora, entretanto, está acontecendo algo interessante. Os seres estão começando a falar em autogestão. Estamos em um momento muito especial. Falamos de cosmologia ao invés de falar de teoria ou ideologia. Falamos de território, em vez de falar de fábrica. Falamos de aldeia, quilombo e terreiro, em vez de espaço de trabalho. O mundo do trabalho não é mais o mundo em debate, não está mais impondo a pauta, está sendo substituído pelo mundo do saber, pelo mundo do viver (Bispo dos Santos, 2023, p. 52).

E acreditando que a visão cosmológica é uma parente do feminino, valho-me de metáforas para dizer que por mais que o patriarcado capitalístico globalitário seja rochoso, a fluência das águas do rio sabe seguir, por cima, por baixo, por entre, “tanto bate até que fura”, continuando, transmitindo, aprendendo e preenchendo o corpo acervo.

<sup>1</sup> KILOMBA, G. Descolonizando o conhecimento: uma palestra-performante de Grada Kilomba. MIT SP, São Paulo, 2016. Disponível em: <http://joaocamilloopen-na.files.wordpress.com/2018/05/kilomba-grada-ensinando-atransgredir.pdf> Acesso em: 13 nov. 2018.

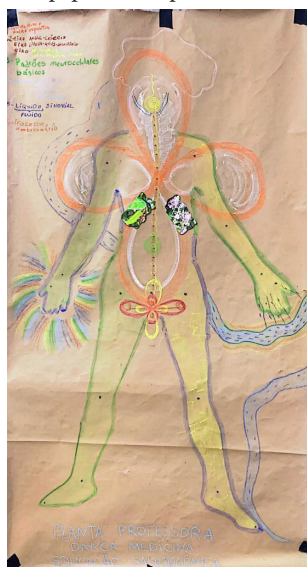
## Corpo [des]contínuo, por Milanie Lage Matos

Em nossa trilogia multívoca do *soma*, reflito sobre a descontinuidade do corpo por meio da morte. Tomemos o significado da palavra “descontínuo” no dicionário Houaiss (2015, p. 309): “adj. que apresenta interrupções; que não tem continuidade [...]”. Na fluência do corpo-texto, sigo inspirada na “guerra das denominações” inaugurada por Nêgo Bispo (2023), mencionada na introdução dessa polissemia. Percebo que na palavra “descontinuidade” está contida a palavra “continuidade”. Assim, sobre o significado de morrer e ancestralizar, penso no entrelaçamento entre cosmologias indígenas e quilombolas com a origem hindu do termo *soma*.

Para isso, através das proposições teórico-práticas no componente Epistemologias Somáticas na Pesquisa Artística, ancore-me na abordagem metodológica conduzida pelo Prof. Dr. Diego Pizarro, que compreendo como um modo de cartografia corporalizada da pesquisa. Conforme Pizarro (2020, p. 35), em um dos objetivos específicos de sua tese, trata-se de “[...] sonhar com uma anatomia corporalizada como materialização de mundos possíveis.” Ainda nas palavras de Pizarro (2020, p. 207), por corporalizar entende-se que “toda experiência se registra em nossas células quando nos atravessa, e abrir nossa escuta para a consciência celular é o primeiro passo para o processo de corporalização das experiências.”

No decorrer dos encontros, concordamos que a palavra “epistemologias” não era suficiente para abarcar as dimensões somáticas, de modo que, informalmente, intitulamos o componente de Cosmologias Somáticas. Portanto, sempre que necessário, peço licença poética para me referir dessa maneira aos experimentos realizados no espaço-tempo do semestre letivo de 2023.2. A seguir, partilho um registro do mapa que desenvolvi.

**Figura 3** – Mapa Somático de Milanie Lage Matos. Giz pastel sobre papel metro pardo.



Fonte: Acervo pessoal.

Esta corporalização cartográfica me oferece mais pistas sobre os caminhos da minha pesquisa do que os que pude elaborar aqui. Por isso, nesse texto, abordarei o recorte criado a partir das relações com minhas colegas de escritas e com algumas das leituras propostas, com base nas cosmologias Quilombola (Santos, 2023) e Indígena (Krenak, 2022), considerando possibilidades de confluências com as cosmopercepções (Oyèwùmí, 2021) no campo da Somática (Fernandes, 2018; Pizarro, 2020).

Darei atenção especial ao livro *A terra dá, a terra quer* (2023), de Antônio Bispo dos Santos, pois ele foi parte fundamental de nossas reflexões. Senti-me espiritualmente conectada com o autor justamente no período em que ocorreu sua passagem para outra dimensão existencial. Assim, peço licença ao Mestre Antônio Bispo dos Santos, bem como à egrégora que o guia, para citá-lo, e sobretudo, agradeço a dedicação em escrever os saberes orais de sua família e de seu quilombo, tornando-os acessíveis e capazes de atravessar fronteiras culturais.

### Morrer ou Ancestralizar?

“Ando me sentindo no colo da ancestralidade e quero compartilhar isso.”  
(Bispo dos Santos, 2023, p. 5)

Quando perdemos uma pessoa querida, ou alguém de significativa representatividade social, principalmente vítimas de violência, costumamos dizer que tal pessoa teve a vida interrompida, ceifada ou que tivemos uma grande perda. Essa perda está relacionada à ausência corpórea, à descontinuidade dos processos biológicos, anímicos, psíquicos, culturais, sociais, políticos, intelectuais, religiosos, criativos, artísticos... multirrelacionais.

A morte pode ser estudada sob todas essas múltiplas perspectivas confluentes supracitadas, mas de modo geral, ela **não** é uma visita esperada, apesar da certeza de sua chegada. Na perspectiva psiquiátrica, segundo Kübler-Ross (1996, p. 14), “em nosso inconsciente a morte nunca é possível quando se trata de nós mesmos.” Paire o medo do desconhecido, da descontinuidade da vida aqui na terra, da ausência, do esquecimento e da solidão. Enfrentar a própria finitude exige coragem e humildade.

Ao pensarmos sobre a descontinuidade do corpo, não apenas como uma interrupção biológica, mas como uma transição de estados de existência, percebo a ancestralidade como um campo de continuidade, onde a presença física dá lugar a outras formas de manifestação. Dessa maneira, os aspectos multirrelacionais se fazem presentes através das memórias corporalizadas e compartilhadas.

Nas perspectivas cosmológicas Indígenas e Quilombolas, e suas variadas maneiras de celebrar a existência, conflui o sentimento de pertencimento à comunidade, que orienta ao envolvimento de si com toda a Terra, o Sol, a Lua, as Estrelas e a Ancestralidade. A morte não é o fim, mas uma passagem



para um estado de conexão mais profundo com a terra, com o coletivo e com o sagrado. Um modo circular de convívio que se opõe ao dualismo e ao binarismo, dialogando com o tempo espiralar, consoante com a Professora Dra. Leda Maria Martins:

O tempo espiralar resulta de múltiplas imbricações: a de um movimento cósmico, simultaneamente retrospectivo e prospectivo, no qual se incluem todos os seres e todas as coisas, ou seja, tudo o que existe em suas várias formas e âmbitos de existir e de ser, todos os fenômenos naturais e transcendentais, desde as relações familiares mais íntimas às práticas e expressões sociais e comunais mais amplas e mais diversificadas; as materialidades do agora, assim como as epifanias do porvir; e ainda a emanção e ressonância das forças e energias vitais que pulsam no movimento e asseguram a sobrevivência de todos os seres e do cosmos, em sua integralidade e totalidade. (Martins, 2021, p. 207)

Esse entendimento ressoa de maneira potente com as cosmologias somáticas, que percebem o corpo como uma unidade viva em transformação constante. Somos seres pulsionais, relacionais, em movimento no espaço-tempo dinâmico (Fernandes, 2018). Na Somática, o corpo é tanto expressão individual quanto resultado de influências históricas e ambientais, em diálogo com o cosmos. Do mesmo modo, as cosmologias que evocam a continuidade pós-morte igualmente enfatizam a relação entre corpo, território e comunidade. A descontinuidade, portanto, pode ser entendida não como um rompimento definitivo, mas como uma mudança de estado, num ciclo que perpetua outras continuidades.

Ao integrar essas diferentes perspectivas, busco uma confluência que possa ampliar nossas percepções sobre o viver e o morrer. O termo **soma**, em sua origem mais antiga, no hinduísmo, refere-se ao corpo como uma totalidade viva, expandida à espiritualidade, ecoando com o pressuposto de que o corpo não se limita à matéria física. **Soma** pode ter diferentes significados, conforme elucida Pizarro:

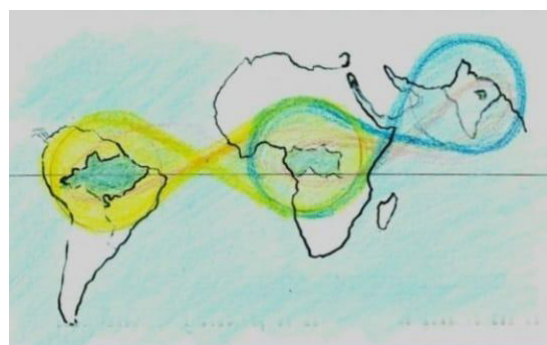
A relação de corpo [...] com cântaros de fermentação de bebidas e seus processos remete a uma memória ainda mais antiga, a da mitologia da tradição hindu, cujos **vedas** reiteradamente se remetem ao **soma**. (Pizarro, 2020, p. 160) [...] [E também] como uma bebida sagrada, inicialmente servida como água pura da chuva, possivelmente purificada, encantada com hinos sagrados e reservada em cântaros para o consumo ritualístico. Posteriormente, ativador de uma erva alucinógena. (Pizarro, 2020, p. 162-163)

Segundo o Professor Dr. Roberto de Andrade Martins (2011), os **Vedas** são hinos contidos no *R̥g-Veda*, livro composto há mais de três mil anos, sendo considerado o repositório de uma

profunda sabedoria e religiosidade indiana. Tenho interesse particular por esse último significado do termo **soma**, pois ele me conduz por caminhos profícuos que são relevantes à pesquisa. Vale ressaltar que o conhecimento indiano é bastante complexo e antigo, demandando estudos mais aprofundados. Entretanto, para essa reflexão, podemos identificar características que aproximam os povos quilombolas e indígenas brasileiros, africanos e indianos, tais como: a diversidade cultural bio-integrativa e o cultivo dos saberes ancestrais. Esses povos passaram por processos colonizatórios pelos europeus; enfrentam grandes desigualdades sociais e alta corrupção, ao mesmo tempo, em que possuem regiões economicamente emergentes. São detentores de conhecimentos espirituais milenares e práticas voltadas para a saúde e o bem-estar em comunidade, que envolvem a arte e a criação ou invenção de si.

Para orientar imageticamente as possíveis relações entre esses territórios elaborei um mapa que compartilho a seguir:

**Figura 4** – Desenho de um recorte do mapa do mundo. Giz de cera e hidrocor sobre papel.



Fonte: Acervo pessoal.

Parece não ser mera coincidência, mas uma “confluência”. A cosmopercepção do corpo expandido e biointegrado aparece nessas cosmologias, rompendo com os paradigmas hegemônicos do colonialismo “euro-branco-ocidental” (Dumas, 2022). As culturas ocidentais, oriundas do império romano medieval com suas bases judaico-cristãs, desenvolveram o absolutismo e, posteriormente, o Estado Liberal até a atualidade, impondo modos de existir, por meio da “micropolítica do poder punitivo” (Foucault, 2006) e da “necropolítica” (Mbembe, 2018).

Trata-se de uma política de subestimação, de controle e de dominação do corpo; quem a nega é punido com a morte. Enganam-se ao considerar a morte um fim absoluto e a solução para o triunfo colonial. A morte pode ser o fim para algumas pessoas, especialmente para aquelas que defendem a supremacia capitalista, que já estão mortas em “vida”, pois o apocalipse bíblico é a morte de suas teorias (Bispo dos Santos, 2023).



Contrariamente, nas tradições quilombola, indígena e hindu, o corpo é, de modo geral, considerado sagrado, sendo o vínculo dos profundos mistérios da centelha cósmica da vida. Efêmera experiência do existir, onde habita a sabedoria. É nele que tudo reside e se integra no todo. E jaz... para a eternidade dançante infinita, metamorfosear-se na plenitude. Mas, por que morremos? Há mais coisas que não entendo do que as que suponho entender...

Para Ailton Krenak (2022, p. 38), “Os orixás, assim como os ancestrais indígenas e de outras tradições, instituíram mundos onde a gente pudesse experimentar a vida, cantar e dançar, mas parece que a vontade do capital é empobrecer a existência.” Para contracolonizar, consagremos a efemeridade corpórea, que, através da morte se integra à Mãe Terra. Assim, ao ancestralizar, o corpo se torna memória viva, inscrita nos tecidos do coletivo, seja através das narrativas orais, da terra que se torna corpo, do corpo que se torna terra, ou das práticas que invocam a memória dos antepassados.

A partir da compreensão de que a espiritualidade é integrante da vida, agradecemos a Antônio Bispo dos Santos, que ancestralizou no dia 03/12/2023 (três de dezembro de dois mil e vinte e três), durante a escrita deste texto. Seu legado é uma referência imprescindível nos currículos acadêmicos para contracolonizar a educação e fortalecer a circularidade dos “saberes orgânicos”, novas denominações e cosmopercepções de pertencimento à Terra.

Firmeza no coração. Força e Luz. Que a Terra Sagrada te acolha na biointegralidade cósmica e que seu espírito se eleve. Que a Energia Fecunda e Infinita te acompanhe no trajeto à Casa Espiritual... e de novo ao corpo-casa. O que tinha para fazer foi feito. Deixa-nos saudades, memórias e fortes bases que alicerçam os movimentos contracoloniais. Gratidão, Mestre Nêgo Bispo!

## ASPECTOS CONCLUSIVOS

*Epistemicídio, neologismo inventado  
para definir as descontinuidades de corpos-mulher,  
para refletir sobre ‘corpos-acervo’, corpos-memória,  
corpos-território, corpos-caminho, corpos-floresta,  
corpos-sabedoria que metamorfoseiam  
a experiência de morte das fogueiras inquisitórias  
em nascimentos de chamuscas anímicas  
que corporalizam espírito fogo e  
ancestralidades, selando o ciclo infinito... continuum...  
Milanie Matos, 2023.*

Em nosso trílogo somático reconhecemos a versão ocidental do uso da Somática, ao mesmo tempo em que a percebemos como um antídoto contra o dualismo, o binarismo, o mecanicismo, o reducionismo, o patriarcalismo, o capitalismo e suas variantes. Evocamos a biointegralidade do **soma** em corpo em

chamas, corpo acervo e corpo (des)contínuo, reconhecendo o corpo em suas potencialidades, expandindo-se para além de ser apenas um repositório de experiências, para se tornar um campo de transformação, articulando novos modos de ser-estar no mundo. Dessa maneira, **corpo acervo** extrapola os limites do acúmulo de experiências Trata-se de corpo integrativo, confluente, somático, memorial, como dito anteriormente “preenche de tecnologias de autonomia”.

Assim, insistimos na percepção de corpo vivo, de **corpo em chamuscas**, corpo que se transforma em um lugar de transição, em que sua efemeridade ardente abre espaço para uma nova percepção de existência, onde o corpo físico deixa de ser o único receptáculo do ser. A morte revela a finitude corpórea, o **corpo [des]contínuo**, desvelando uma inflexão sobre vida e desconhecido, em que material e imaterial se encontram, desfazem e refazem. Através da ruptura da continuidade física surge uma questão: o que permanece quando o corpo cessa? Reconsiderar as potencialidades do corpo-vivo (**soma**) e a perpetuação da vida por meio de práticas e memórias ancestrais, permite-nos viver mesmo diante das interrupções que o corpo pode sofrer.

Nesse entrelaçamento de cosmologias, é possível vislumbrar uma prática de corpo que transcende as divisões impostas pela modernidade ocidental. A Somática como pesquisa nesse contexto, não se limita ao cuidado individual, mas se abre a uma ética de corpo coletivo, um **soma** que é em si território e forças ancestrais. É nessa confluência que ressignificamos o morrer, não como uma ausência, mas como uma presença transformada, onde corpo e memória, “corpo acervo” e “corpo em chamuscas” se fazem contínuos na tessitura do coletivo.

Portanto, confluímos na ideia do corpo-tempo, corpo-agora, pois o futuro é ancestral (Krenak, 2022). Celebremos, dance-mos e cantemos os ciclos, pois “Somos povos de trajetórias, não somos povos de teoria. Somos da circularidade: começo, meio e começo. As nossas vidas não têm fim. A geração avó é o começo, a geração mãe é o meio e a geração neta é o começo de novo.” (Bispo dos Santos, 2023, p. 66)

A ideia de continuidade espiritual ou cultural reconfigura nossa compreensão de **soma**, pois seja no campo biológico, espiritual ou filosófico, a morte não é um fim definitivo, mas sim, o limiar entre diferentes formas de ser. Dessa maneira, defendemos que é possível ativar estados, percepções e estratégias de fuga, de sobrevivência e cura, tanto individuais quanto coletivas, em conexão com cosmologias outras que não as eurocentradas.

## REFERÊNCIAS

APOSHYAN, Susan. **Inteligência natural: integração corpo-mente e desenvolvimento humano**. Trad. Leila Mascioli. São Paulo: Manole, 2001.

BISPO DOS SANTOS, Antônio. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora; PISEAGRAMA, 2023.

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. In: BONDÍA, Jorge Larrosa (Org.). Tremores: Escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. p. 15-34.

DUMAS, Alexandra Gouvêa. Nomear é dominar? Universalização do teatro e o silenciamento epistêmico sobre manifestações cênicas afro-brasileiras. **Revista Brasileira Estudos da Presença**, Porto Alegre, v. 12, n. 4, 2022. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/presenca/article/view/121806>. Acesso em: 29 nov. 2023.

FAGUNDES, Patricia; KERSTING, Juliana. Dramaturgias da Experiência: corpo, autobiografia, e feminismos na criação de No te pongas flamenca! **Repertório**, Salvador, ano 24, n. 36, p. 170-178, 2021.1. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revteatro/article/view/38183>. Acesso em: 07 dez. 2023.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Elefante, 2017.

FERNANDES, Ciane. **Dança Cristal**: da Arte do Movimento à Abordagem Somático-Performativa. Salvador: EDUFBA, 2018.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 2006.

GADELHA, José Juliano. O Sensível Negro: rotas de fuga para performances. **Revista Brasileira Estudos da Presença**, Porto Alegre, v. 9, n. 4, e85298, 2019. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/presenca>. Acesso em: 30 set. 2023.

GREBLER, Maria Albertina Silva; PIZARRO, Diego. A somática e as artes da cena: fricções da experiência e sua influência no ensino superior e na cultura contemporânea – parte II. **Repertório**, Salvador, ano 22, n. 32, p. 10-20, 2019.1. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revteatro/article/view/33437/19423>. Acesso em: 3 dez. 2023.

GROSGOUEL, Ramón. **A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI**. Sociedade e Estado, Brasília, v. 31, n. 1, p. 25-49, 2016. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/6078>. Acesso em: 8 dez. 2023.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 5, p. 07-41, 1995.

HOUAISS, Antônio Houaiss; VILLAR, Mauro de Salles; MELLO, Francisco Manuel de. **Pequeno dicionário Houaiss da língua portuguesa**. São Paulo: Moderna, 2015.

KILOMBA, Grada. **Descolonizando o conhecimento**: uma palestra-performance de Grada Kilomba. MIT SP, São Paulo, 2016. Disponível em: <http://joacamillopenna.files.wordpress.com/2018/05/kilomba-grada-ensinando-atransgredir.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2018.

KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

KÜBLER-ROSS, Elizabeth. **Sobre a morte e o morrer**: o que os doentes têm a ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios parentes. 7ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

LESSA, Luma; NÚÑEZ, Geni. Luta e pensamento anticolonial: uma entrevista com Geni Núñez. **Revista Epistemologias do Sul**, Foz do Iguaçu v. 5, n. 2, 2021. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/view/3482>. Acesso em: 8 dez. 2023.

MARTINS, Roberto de Andrade. As dificuldades de estudo do pensamento dos Vedas. In: FERREIRA, Mário; GNERRE, Maria Lucia Abaurre; POSSEBON, Fabricio (org.). **Antologia Védica**. Edição bilíngue: sânscrito e português. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2011. p. 113-183.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar**: poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção e política da morte. São Paulo: n-1 edições, 2018.

PIZARRO, Diego. **Anatomia corpo ética em (de)composições**: três *corpus* de *práxis* somática em dança. 418 f. il. 2020. Tese (Doutorado em Artes Cênicas) – Escola de Teatro, Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas, Universidade Federal da Bahia – UFBA, Salvador, 2020. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/32962>. Acesso em: 30 set. 2023.

OYĒWŪMÍ, Oyèrónkẹ. **A invenção das mulheres**: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

SANTAELLA, Lucia. **Culturas e artes do pós-humano**: da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003.

TIBURI, Marcia. **Feminismo em Comum**: para todas, todes e todos. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.